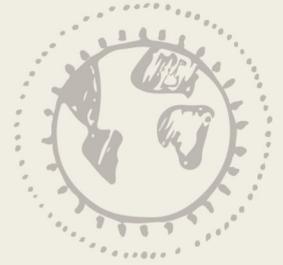
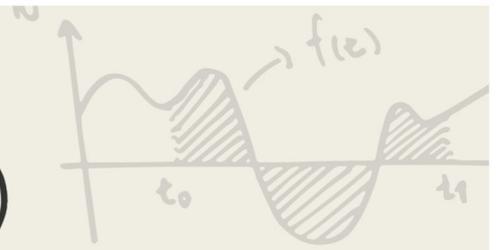


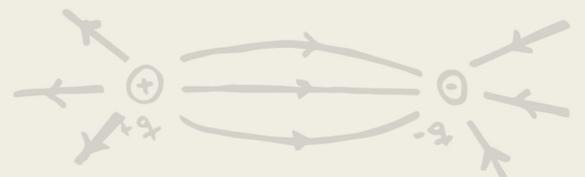
meSalva!



ESTÉTICA



AFIXOS
CONTROLADO → MENTE
SUFIXO
SINAL DE REGIÃO → CAFETERIA



MÓDULOS CONTEMPLADOS

- ✓ QSTE - O que é estética?
- ✓ FETE - Filosofando VI - Estética



meSalva!

CURSO

EXTENSIVO 2017

DISCIPLINA

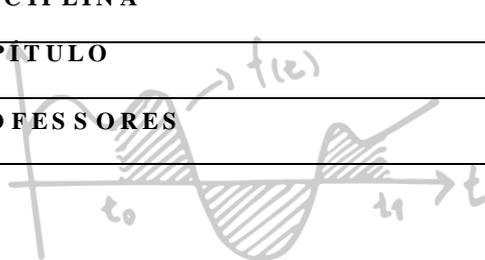
FILOSOFIA

CAPÍTULO

ESTÉTICA

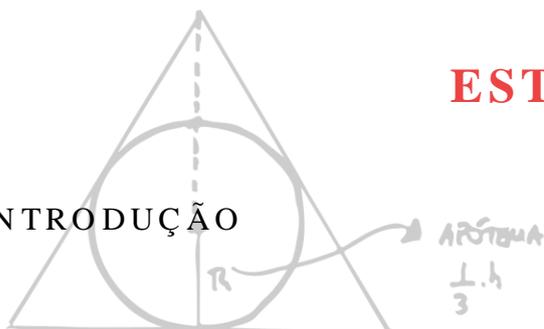
PROFESSORES

BENHUR BORTOLOTTO
E CLARA TONOLLI



ESTÉTICA

INTRODUÇÃO



Olá, pessoal do Me Salva! Nesta apostila vamos estudar alguns conceitos básicos de Estética. Você certamente já disse frases como: “Esta música é muito boa” ou “Este livro é muito bom”. Tão certo quanto é que você também já tenha, depois de dizer frases como essas, ouvido a contestação: “Não, não é”. Como se resolve um impasse dessa natureza? Alguém diz que uma música é boa. Outro alguém diz que não é. Como verificar quem está com a razão? Mais ainda, você provavelmente já ouviu uma outra frase que está diretamente relacionada a isso: “X não é música” - em que X é um estilo musical. Funk, pagode e sertanejo provavelmente sejam os estilos mais atacados no dia a dia, e, no entanto, estão entre os produtos mais consumidos da nossa cultura. Parece coincidência que aquilo que costumamos dizer, ler ou ouvir que não é música seja justamente aquilo que mais toca nas rádios e festas? E letra de música, conta como literatura? E grafites nos muros da cidade: arte ou vandalismo? Discussões como essas fazem parte da abordagem filosófica da arte. Mas antes de tentarmos resolver alguns impasses clássicos dessa área da filosofia, vamos tentar compreender sua natureza.

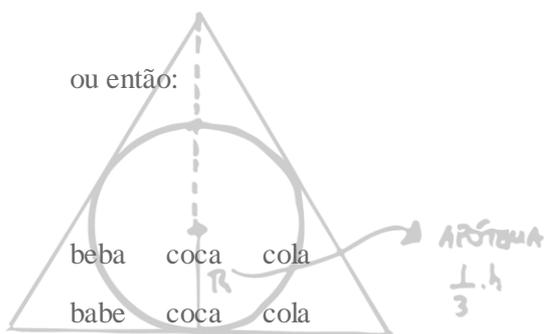
Nas aulas de literatura, você leu ou vai ler alguns versos fundamentais da literatura brasileira, como:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

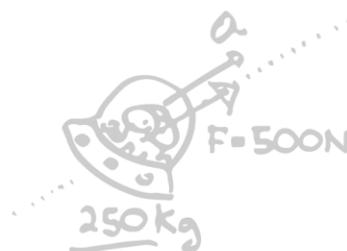
Parece poesia, não é? Está tudo lá, rima, ritmo, palavras difíceis e uma declaração de amor ou saudade. Talvez ocorra um espanto ao chegar em poetas que escreveram coisas como:

(...) que parecia sorrir entre as folhas de
banana entre os cheiros de flor e bosta de porco aberta como
uma boca do corpo.





beba coca
 beba cola caco
 caco
 cola
 c l o a c a



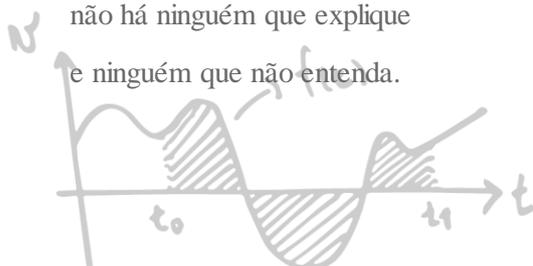
Os poemas: Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, Poema sujo, de Ferreira Gullar e Coca-cola, de Décio Pignatari, são alguns dos mais icônicos textos de nossa literatura. Mas o que confere a produções tão distintas o status comum de arte?

Ao estudar literatura na escola, você dificilmente vai se ver diante da pergunta “O que é poesia?”. Mas a falta de uma definição rígida não atrapalha os seus estudos literários nem o fazer poético de milhares de escritores para quem essa pergunta - e sua resposta - se põem de maneira distinta. Se você pudesse perguntar a cada um desses poetas: “o que é poesia?”, obteriam uma resposta diferente de cada um deles.

Antes de partirmos para as definições e conceitos, preste atenção neste outro poema, da escritora Cecília Meireles:

Liberdade

Liberdade! - essa palavra
 que o sonho humano alimenta:
 não há ninguém que explique
 e ninguém que não entenda.



Note que o poema afirma a dificuldade de definir ou explicar o que seja a Liberdade e, ao mesmo tempo, afirma que, apesar dessa dificuldade de explicar, não há quem não saiba do que se trata. Um importante filósofo do início do cristianismo, Agostinho de Hipona, disse algo parecido: “O tempo? Se ninguém me pergunta o que é, eu sei. Se me perguntam, eu já não sei”. Podemos dizer que aconteceu algo parecido com o conceito de Literatura ou com o de Poema . Você não tem nenhuma dificuldade em dizer um poema ou dar um exemplo do que seja um poema, mas, se tiver que defini-los, você talvez se veja encurralado.



Para começarmos a responder às muitas perguntas que estão em aberto até agora, podemos dizer que música e poesia, assim como a liberdade e o tempo estão entre aquelas coisas que nós reconhecemos pela **experiência**. A Estética é a área da Filosofia que se ocupa, especificamente, da experiência artística. A arte é, portanto, uma experiência, no sentido de que experimentamos, por meio dos sentidos, algo. Mas algo o quê? Parece haver uma grande profusão de sensações oferecidas pela arte, desde a experiência da mais cuidadosa harmonia das formas na estatuária grega até a experiência do assustador e do vil nas figuras grotescas da Idade Média.

É interessante observarmos, para o esboço inicial de um conceito de arte, que, embora a experiência estética possa contemplar tanto a ternura do amor familiar, a graça do amor romântico, o riso das comédias ou o desespero dos dramas, o que há em comum a todas essas experiências é o fato delas serem ofertadas por meio de símbolos.



Antes de seguirmos para o próximo módulo, em que vamos estudar alguns conceitos históricos envolvidos nas discussões filosóficas sobre a arte, vale retomar as questões iniciais da Apostila. A diferença marcante entre os poemas apresentados nos serviu para buscarmos um esboço de definição do que seja arte, algo de comum que permaneça diante de tantas diferenças, a experiência por meio de símbolos e metáforas. Mas a filosofia da arte não se ocupa apenas de definir a arte e seus gêneros. Ela desempenha um papel fundamental no estudo de nossa relação pessoal com a arte, por isso é importante termos em mente aquelas perguntas sobre música.

Quando você diz: “esta música é boa” e seu amigo discorda de você, a discussão pode não acabar nunca. Mas se você disser algo como: “este carro é bom” ou “esta cidade é boa”, seu amigo pode até discordar, mas o caminho para resolver a disputa parece mais ou menos óbvio.

O que está em jogo quando você diz que um carro é bom? Ora, você pode estabelecer vários critérios que são factuais: desempenho, economia, conforto, segurança. No caso da discussão sobre a cidade ser ou não boa, os critérios também vão aparecendo naturalmente. Note que vocês podem terminar a discussão sem convencer um ao outro, mas apenas porque o peso que vocês atribuem a cada critério é diferente. Você pode achar que a potência do carro é mais importante para definir o que é um carro bom para você do que o consumo de combustível, por exemplo, ou, então, você pode achar que a tranquilidade e a segurança de uma cidadezinha do interior são critérios mais decisivos do que a diversidade de lojas, shoppings e cinemas dos grandes centros. Mas ninguém em sã consciência vai negar que a oferta de atividades em São Paulo seja maior que a da pequena Vila Lângaro, no interior do Rio Grande do Sul.



Mas quando você diz que uma música é boa ou não, os elementos que compõem seu juízo não são da mesma natureza que os elementos que compõem um juízo sobre a qualidade de um carro, de uma cidade, etc. Agora perceba que se você incluir na conta da qualidade de um carro ou de uma cidade elementos artísticos, como design e arquitetura, a discussão começa a ficar mais complicada de novo.

Pode-se dizer que quando emitimos um juízo do tipo: “esta música é boa” estamos dizendo mais sobre nós mesmos do que sobre o objeto em si, a música. Você pode ouvir uma pessoa mais velha dizer que “não se faz mais música boa” e saber que isso não contradiz todas as pessoas que dizem “esta música é boa” para as músicas de agora. Isso se explica através de uma relação afetiva, própria da arte, que mantemos com certas canções, pois elas nos remetem a determinados momentos e experiências de nossas vidas. A música, muitas vezes, nos remete a essas experiências. A arte, por sua natureza sensível e emocional, se presta muito a servir como âncora e referência de lembranças, sentimentos e sensações. Ainda que você seja um músico com grande formação técnica e possa, por critérios objetivos, qualificar uma música como menos original ou inventiva em relação a outras, isso não impede que você considere maravilhosa uma música não muito sofisticada, pois ela, de certa forma, tem uma importância emocional para você.

A FILOSOFIA DA ARTE ATRAVÉS DA HISTÓRIA

PLATÃO, ARISTÓTELES E A MÍMESIS

Até a Idade Média, o conceito de arte pouco se diferenciava da ideia de uma produção técnica, artesanal. Os artistas sequer costumavam assinar seus trabalhos. Uma exceção foi a literatura. Na antiguidade, a poesia grega se tornou objeto de um dos primeiros embates filosóficos acerca da arte. A disputa se deu entre dois dos mais importantes filósofos gregos: Platão e Aristóteles.

Platão, em sua busca por um conhecimento verdadeiro e ainda em contraponto à retórica sofista e à tradição de ensino da Grécia, que tomava a poesia como fonte de conhecimento, precisou atacar esta forma artística como uma maneira de distanciar-se dela. Você pode voltar à nossa Apostila de Filosofia Grega para rever os principais pontos da filosofia de Sócrates e de seu discípulo Platão e o modo como eles se contrapunham aos sofistas, que eram os sábios e os professores na Pólis.

A poesia grega havia registrado aspectos fundamentais daquela cultura, mas para Platão era como se houvesse um terrível erro de direção. Os poetas teriam registrado algo enganoso, porque suas obras mostravam o mundo a partir das práticas e das crenças dos homens e Platão pretendia justamente limpar o conhecimento das práticas e crenças equivocadas. Era como se a poesia, parte importante da formação educacional e cultural dos cidadãos gregos, dissesse apenas como eles eram e este era seu erro. Para Platão, a educação precisava dizer como o mundo de fato era.

Aristóteles, mais distante do problema com os sofistas, percebeu que a poesia dava uma grande contribuição ao desenvolvimento da cultura. Em seu trabalho sobre a poética, o filósofo defendeu a ideia de mimesis - imitação. Para ele, a imitação é algo próprio da natureza humana e tem um fim específico: o aprendizado. O processo consistiria em, antes de reproduzir, identificar características. Para Platão, isso era nocivo por ser mera imitação, ilusória e imprecisa, pois reproduzia apenas a aparência daquilo que imitava, sem revelar sua essência profunda. Para Aristóteles era algo de constitutivo da própria experiência de aprendizado.

Na Poética, Aristóteles distinguiu os gêneros do teatro e da poesia grega, elencando as características de cada um deles e de que forma a imitação e a criação andavam juntas na medida em que cada gênero tinha sua própria tônica criativa. Na comédia, por exemplo, o que se reproduzia tinha uma tônica, um acento, naquilo que era defeituoso e falho. Na tragédia, a tônica estava na virtude e no heroísmo que colocavam o homem diante de uma situação de angústia.

KANT E O JUÍZO DE GOSTO

Immanuel Kant é um filósofo muito recorrente em nossas apostilas. Você pode retomar alguns pontos essenciais do seu pensamento na Apostila de Filosofia Moderna, e as especificidades éticas de sua obra na Apostila de Ética. Em sua investigação sobre o conhecimento humano, Kant, se dedicou a estudar a natureza dos juízos. Assim como precisou se dedicar especificamente aos juízos éticos, Kant também teve que dar conta dos juízos estéticos. Lembra da comparação entre dizer “esta música é boa” e “esta cidade é boa” ou “este carro é bom”? Nós podemos elencar critérios objetivos para estabelecer o que significa ser bom no caso de um carro ou de uma cidade, mas não é tão fácil estabelecer critérios objetivos para dizer se uma música é boa ou ruim. Mesmo que adotemos critérios objetivos para classificar uma canção, estes critérios dirão muito mais sobre a obra em si do que sobre nossa relação estética com ela.

É porque nossa relação com o carro, com o lugar que vamos escolher para morar ou com a comida que vamos cozinhar é em grande medida uma relação de interesse. Se você tem muita fome, um bife gigante ou um pote de sorvete devem ser melhores do que uma tangerina. Se você usa o carro para transportar equipamentos pesados de trabalho, ter uma carroceria grande é mais útil do que ter bancos de couro. Desta forma, é na medida em que estes objetos precisam cumprir uma determinada finalidade, que podemos julgá-los de acordo com nossos interesses, ou seja, julgá-los de acordo com os fins que esperamos atingir.

Kant percebeu que, no caso das obras de arte, nossa apreciação é desinteressada. Isso quer dizer que não buscamos a arte para atender a uma demanda específica. Para o filósofo, portanto, o “belo” era o resultado deste prazer desinteressado que a arte nos proporciona.

É por isso que não faz sentido decidir se uma música é boa fazendo lista de pontos fortes e pontos fracos porque, ainda que se chegue, com isso, a uma apreciação objetiva da canção como objeto técnico, aquilo que lhe confere o valor estético está além dessas especificidades.



OS SÉCULOS XX E XXI

Nos séculos XX e XXI, a arte moderna e a arte contemporânea colocam novas questões na pauta do debate filosófico. Novas tecnologias como a câmera fotográfica e a câmara de vídeo não apenas criam impasses sobre o estatuto do artista como também redefinem o papel das formas conhecidas. Um fotógrafo, que captura uma imagem por intermédio de um aparato tecnológico, pode ser considerado artista?

Com a precisão que esses instrumentos trouxeram à reprodução de imagens, surge um movimento para o qual a fidelidade ao objeto retrato importa menos do que a criatividade formal na hora de concebê-lo. Novas escolas e movimentos passam a vigorar com telas e quadros que não se limitam a imitar a natureza, como arranjos inusitados de cores, composições que destoam do usual e que passam a acentuar pontos específicos para os quais o artista aponta subvertendo a realidade.

Já o período contemporâneo colocou o espectador para dentro da obra de arte, fazendo-o atuar na narrativa, seja por meio de suas próprias referências, seja por meio da ação concreta. No teatro, formas que privilegiam o improvisado e a participação do público ganham destaque. Os programas de televisão e filmes, que se tornam produtos fundamentais da indústria do entretenimento, passam a utilizar da paródia e da referência a outras obras de arte para exercer seu efeito, seja de ordem humorística ou crítica.



No início do século XX, Marcel Duchamp apresentou sua obra A fonte, que consistia apenas em um urinol, exposto no ambiente solene de uma galeria. A obra atacava diretamente a concepção de arte e de museu e a provocação passaria a se tornar um elemento recorrente na arte contemporânea. Os museus deixam de ser espaço para formas tradicionais como gravuras e telas e se tornam o ambiente de instalações artísticas, que também passam a ser feitas nas ruas e de modo interativo. Estas formas levaram os filósofos do período a grandes discussões sobre o papel da arte e na sociedade contemporânea e também sobre os próprios limites de arte.



Entre os muitos filósofos que se dedicaram à Estética no período contemporâneo, está Theodor Adorno, da Escola de Frankfurt. Adorno teorizou que a cultura de massa deixou de ter origem popular e tornou-se uma espécie de produto vinculado à produção empresarial. A necessidade de financiamento e veiculação fez com que a cultura popular passasse a disseminar uma ideologia capitalista, reduzindo-se a mero entretenimento.

Cria-se, então, a conscientização da separação entre a arte destinada à humanização e de um produto de consumo que apenas distrai e entretém.

RELEMBRANDO

Neste sucinto recorte feito aqui, os problemas que ocuparam os filósofos da arte passaram de:

- 1) definir se a arte era uma contribuição para o conhecimento humano (Platão x Aristóteles) para
- 2) definir o que há de particular no juízo de gosto em relação aos demais juízos (Kant) e finalmente para
- 3) definir o que conta ou não conta como arte num mundo em que múltiplas culturas convivem e narrativas históricas se cruzam formando um grande emaranhado de concepções éticas, estéticas e epistemológicas.

PARA SABER MAIS

Você pode assistir ao filme *A Rosa Púrpura do Cairo*, de 1985, do cineasta Woody Allen. Neste filme, a protagonista se refugia em sua paixão pelo cinema para conseguir aguentar as dificuldades de sua vida: a falta de dinheiro e a agressividade do marido. Mas o que era um refúgio e alívio se torna um grande drama no momento em que seu herói do cinema escapa da tela e lhe oferece uma nova vida.

Também vale conferir o documentário *Tim's Vermeer*. Nesta produção de 2013, apresenta-se a tese de que o pintor holandês Johannes Vermeer, conhecido pela extrema realidade de suas pinturas, teria desenvolvido um sistema de reprodução de imagens que permitia que seus quadros fossem tão perfeitos.

Você também pode procurar o documentário *Who the fuck is Jackson Pollock* (2006), de Harry Moses, que apresenta as controvérsias dos mais restritos e caros círculos de galerias de arte e casas de leilões do mundo, apresentando uma discussão sobre o que conta ou não como arte.